

CHARLES FAUVETY

A RELIGIÃO LAICA



ESTUDO EXPOSITIVO POR
VIZCONDE DE TORRES-SOLANOT

**CHARLES FAUVETY - A RELIGIÃO LAICA
ESTUDO EXPOSITIVO POR VIZCONDE DE TORRES-SOLANOT**

Lançamento original em espanhol:

**CHARLES FAUVETY - LA RELIGION LAICA
ESTUDIO EXPOSITIVO POR EL VIZCONDE DE TORRES-SOLANOT**

Imprenta Central á Cargo de Víctor Saiz
Calle de la Colegiata, núm. 6
Madrid, 1876.

Tradução: Teresa da Espanha
Revisão: Irmãos W. e Ery Lopes
Formatação: Alexandre R. Distefano

Versão digitalizada:

© 2022

Distribuição gratuita:

Portal Luz Espírita

Autores Espíritas Clássicos



CHARLES FAUVETY

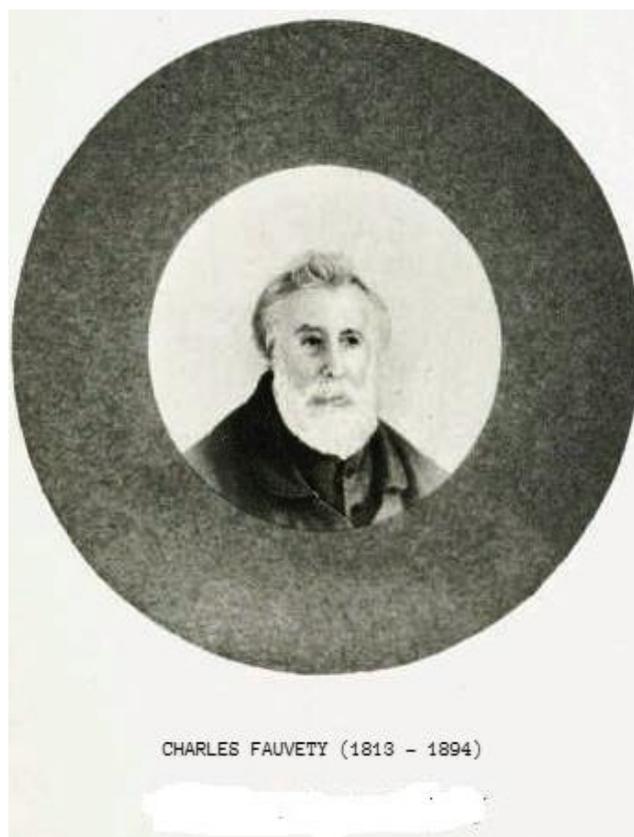
A RELIGIÃO LAICA

ESTUDO EXPOSITIVO

POR

VIZCONDE DE TORRES-SOLANOT

Imprenta Central á Cargo de Víctor Saiz
Calle de la Colegiata, núm. 6
Madrid, 1876.



CHARLES FAUVETY (1813 - 1894)

Jean Charles Fauvety, nasceu em 1813, na cidade de Uzès que é uma comuna francesa na região administrativa de Occitânia, no departamento de Gard.

Foi um filósofo maçônico, de origem protestante liberal, e como escritor e jornalista, passou por todas as correntes filosóficas, socialistas utópicas e espíritas do século XIX, buscou, durante toda a sua vida, um estreito caminho entre religião e a política, entre materialismo e ateísmo, em busca de uma espiritualidade universal que vai além de todas as formas que as organizações religiosas assumem.

Charles Fauvety foi um dos que durante o século XIX francês, tentou sair do conflito resultante da Revolução Francesa entre política e religião, abrir caminho entre o livre pensamento e o espiritualismo, chegar a uma abordagem científica de escrituras, de todos os dogmas e de todos os ritos, na busca de uma religião que fosse ao mesmo tempo racional, universal, natural, laica e democrática. Fundou o *jornal "A Religião Laica"*, em 1876 buscando uma harmonia entre religião e razão.

Em seus artigos escreveu frases imortais:

Justiça. Pratique a justiça, não apenas não fazendo aos outros o que você não gostaria que fizessem a você, mas tomando a iniciativa do bem e lutando contra a iniquidade, onde quer que a encontrar. — Nunca condene sem apelação e sem deixar uma porta aberta à reparação, ao arrependimento e à reabilitação. O sentimento religioso é incompatível com o inferno eterno, e a consciência da humanidade regenerada pelo amor ao próximo não admite condena sem remissão.

Em 27 de fevereiro de 1848, poucos dias após a proclamação da Segunda República, foi fundado o *Journal Le Représentant du Peuple* de orientação socialista e que teve ao lado os editores fundadores, Charles Fauvety e Jules Viard, e do gerente, Lubatti Jeune. E que teve a participação ativa de Pierre-Joseph Proudhon (o pai do anarquismo).

Fauvety participou como membro do Comitê da Liga Francesa de Ensino e Educação Continuada que é a mais antiga organização de educação popular. A ideia foi lançada por Jean Macé em 1866, quando a educação do povo apareceu para muitos como a chave do progresso coletivo; em 1871, a Liga, através de uma petição a favor de uma escola “*obrigatória, gratuita e laica*” que recolheu cerca de um milhão de assinaturas, contribuiu ainda para dar origem à escola de Jules Ferry. A Liga participou plenamente na luta pelas quais levaram à separação entre Igreja e Estado (1905).

Fauvety esteve a frente de uma revista espiritualista de grande circulação na Europa. E que possui três fases. Chamou em 1866 de *Soliderité* e foi interrompida pela guerra Franco-Prussiana em 1870, para reaparecer em 1876 com o nome de *Religion Laïque organe de régénération sociale*, que a seu turno foi substituído em 1890 pelo *Religion Universelle*. Editou o Boletim mensal da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos, da qual foi presidente.

Casado com uma moradora da Comédie-Française, manteve, com ela, um salão aberto às elites políticas republicanas e intelectuais do Segundo Império.

Em 1882 o “*Boletim da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos*” de Charles Fauvety começou a circular junto com a Revista Espírita sobre direção Pierre Leymarie. Estes boletins traziam temas como: Deus, Magnetismo Animal, Hipnotismo nos animais, Efeitos físicos, Física, Psicologia, Religião do futuro, Teosofia, etc...

Esteve presente no sepultamento da Sra. Rivail, na qual falaram Pierre-Gaëtan Leymarie, em nome de todos os espíritas e da Sociedade para a Continuação das Obras Espíritas de Allan Kardec; Charles Fauvety, ilustre escritor e presidente da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos; bem como representantes de outras Instituições e amigos, como Gabriel Delanne, Georges Cochet, Carrier, Lecoq, J. Camille Chaigneau, Lecoq, Georges Cochet, Louis Vignon, o Dr. Josset e a distinta escritora, Sofia Rosen-Dufaure, todos fazendo sobressair os reais méritos daquela digna sucessora de Kardec. Por fim, com uma prece feita pelo Sr. Warroquier, os presentes se dispersaram em silêncio.

Na grande polêmica que acontecia durante nesse tempo, porém, uma franca oposição a Leymarie havia se formado, o que ficou mais evidente após principalmente o falecimento da viúva Kardec; ele foi duramente criticado pela forma como se apossara da herança do casal Kardec, além de ser acusado de desviar-se doutrinariamente dos princípios kardecistas em favor de ideologias outras, quais a Teosofia de Helena Helena Blavatsky e o Roustainguismo de Jean-Baptiste Roustaing, então patrocinado por Jean Guérin.

No núcleo dessa oposição estavam Berthe Fropro, Gabriel Delanne e o casal Sophie e Michel Rosen; estes, para fazer frente à Sociedade Anônima de Leymarie (agora renomeada para Sociedade Científica do Espiritismo), fundaram uma nova instituição: União Espírita Francesa (UEF), e um novo jornal: O Espiritismo (Le Spiritisme), como alternativa à Revista Espírita.

Para denunciar os ditos abusos de Leymarie, Berthe Fropro chegou a publicar em 1884 uma brochura, de produção independente, intitulada Muita Luz (Beaucoup de Lumière), que é um desdobramento do retumbante artigo 'Um pouco de luz' (Um peut de lumière), por ela assinado e que foi publicado no jornal da UEF, edição da 2ª quinzena de outubro de 1883.

Em defesa de seu administrador, a Sociedade Científica do Espiritismo publicou Ficções e Insinuações – Reposta à brochura Muita Luz (Beaucoup de Lumière), pontuando cada acusação de Fropro como uma ficção, contra a qual apresenta uma alegação.

Foi um escritor de grande renome, e publicou diversas obras: Mémoire en faveur de la Comédie-Française, adressé à la Chambre des Députés (1847), Programme politique (1849), La morale de l'Évangile et la morale

du XIXe siècle (1856), Philosophie maçonnique (1862), Aspirations vers une religion rationnelle, La Question religieuse (1864), Critique de "La morale indépendante" (1865), Catéchisme philosophique de la religion universelle (1874), La religion laïque et l'Église unitaire (1876), Le spiritisme devant la science et le matérialisme mécaniciste devant la raison (1880), La Religion laïque (1887), Prières et méditations spirites - Textes par Allan Kardec, P.G. Leymarie, Docteur Soudan et Ch. Fauvety (1890), Théonomie - Démonstration scientifique de l'existence de Dieu (1897).

Desencarnou no ano de 1894, na cidade Asnières-sur-Seine, anteriormente Asnières, que era uma comuna francesa do departamento de Hauts-de-Seine, na região da Île-de-France.

Sumário

A RELIGIÃO LEIGA

I. — pág. 09

II. — pág. 11

III. Questões preliminares — pág. 14

IV. Declaração — pág. 16

V. Apelo aos homens de boa vontade — pág. 17

VI. Nosso ensinamento — pág. 18

VII. A filosofia popularizada — pág. 20

VIII. A religião laica — pág. 21

IX. Necessidade de uma concepção geral — pág. 23

X. A fé nova — pág. 27

XI. De onde viemos? — pág. 30

XII. Profissão moral — pág. 33

XIII. — pág. 42

ADENDO

Discurso Improvisado do Sr. Charles Fauvety - Presidente da Sociedade Científica de Estudos Psicológicos - Na beira do túmulo da Amélie Gabrielle Boudet (1795 - 1883) — pág. 38

A religião leiga

I

O desenvolvimento científico do espírito humano dá origem a necessidades da vida moral, que requerem ser satisfeitas. Destaca-se entre essas necessidades a de um ideal religioso purificado das superstições e ignorâncias do passado; por isso, onde quer que se agite um povo animado pelas correntes do progresso, aí o problema religioso se apresenta, bem como questão do momento, bem como ameaça para o futuro.

Hoje mais do que nunca está questão preocupa os povos e os homens pensadores, porque à obra de demolição iniciada no século passado, e à crítica atual, devem suceder os períodos reconstituintes impregnados do espírito orgânico, e porque, a uma humanidade um tanto esclarecida, não podem satisfazer as concepções pueris próprias dos tempos da ignorância e da credulidade.

Os católicos são os que exigem com mais insistência, são os que sentem com mais urgência a necessidade desse ideal; também os protestantes buscam a fórmula em que filosofia e religião positiva devem se encontrar; e a obra iniciada nos Estados Unidos pelos ilustres propagandistas Channing e Packer responde a uma tão urgente necessidade.

Nesse mesmo sentido, alguns outros pensadores profundos estão atualmente levantando suas vozes; e corporações científicas, escolas nascentes e associações mais ou menos numerosas fixam sua atenção na grande questão do momento, na questão religiosa.

Filiado há alguns anos e dedicado a difundir na Espanha os princípios de uma escola que acredita abranger conscienciosamente as aspirações universais e possuir o ideal desejado, dei a conhecer em livros e jornais as tendências dessa escola e de algumas afins, submetendo ao julgamento público conceitos e teorias que hoje prevalecem no campo das ideias, e se

esforçam para ganhar um lugar entre as realidades da vida prática ou social.

Com este propósito vou expor o pensamento de C. Fauvety, reproduzindo e extraindo dos primeiros números de sua Revista os fundamentos e a parte doutrinal sobre a qual a Igreja unitária deve basear-se, do modo como o referido filósofo a entende, de acordo em seus pontos essenciais com a escola a que me referia.

Devo afirmar, antes de iniciar este trabalho expositivo, que vou tratar da questão religiosa no sereno campo da ciência, na região das concepções elevadas, de onde emerge o problema da renovação social através da ideia religiosa, grande problema que se inicia no movimento da civilização, mas que é do domínio da filosofia antes de se tornar totalmente do domínio da política.

II

Sendo religioso por essência, o homem pensa na morte e sente alguma coisa, além do sepulcro, que o leva a pensar no objeto de seu destino.

O sentimento religioso exige a associação que se pratica com o nome de religião; a vida social exige atos religiosos; e como nas instituições nada aparece com um caráter de certa estabilidade que já não estivesse anteriormente nos costumes, e ainda na consciência, daí as igrejas e cultos aparecerem na história respondendo a essa dupla exigência, e portanto, como Burnouf disse, que quando a ciência analítica tiver avançado sobre o que se conhece hoje no desenvolvimento da ideia religiosa fundamental, os dogmas, os ritos e as criações religiosas ideais serão vistos coordenarem-se em sua sucessão, ou produzirem-se sob uma ação permanente e segundo certas leis.

Este estudo analítico, iniciado apenas agora, leva-nos à unidade de origem nas religiões e, dada a unidade de propósito, a tendência unitária pode muito bem ser sentida como uma aspiração comum.

“Quando nossa sociedade é considerada sem esse espírito de pessimismo tão perigoso quanto o espírito contrário, nota-se que entre os dois termos extremos do materialismo brutal e da ortodoxia dogmática há um número considerável, crescendo a cada dia, de espíritos que, por um lado, repudiam um dogma fixo; e que, por outro, repudiam o rebaixamento do espírito diante da matéria. Sem renunciar às diferenças próprias que caracterizam cada escola e até mesmo cada nuance dentro de uma mesma escola, não seria possível tentar que se compreendessem, se associassem, em vez de se perderem em uma infinidade de heresias impotentes em seu isolamento? Assim como Lutero e Calvino se reconciliaram hoje ao ponto de que diariamente pastores são vistos passando de uma Igreja para a outra, não poderiam, sem sacrifício algum de sua própria opinião, trazer uma reconciliação entre opiniões que geralmente apenas se combatem em seus excessos? Se o espiritualismo, por exemplo, conseguia sacrificar algumas de suas tendências antropomórficas, se o panteísmo consentia em

introduzir o elemento moral e espiritual no princípio absoluto do universo, não haveria talvez uma aproximação entre opiniões que se desacreditam reciprocamente por suas perpétuas polêmicas? Quem reclamaria de tal aproximação, senão aqueles que têm interesse em separar os homens em dois campos, o de ateus e o de crentes, de modo que o horror que se tem ao primeiro nos precipite no segundo?”

“Uma vez estabelecida esta grande Igreja filosófica, quem a impediria de tomar como templo a velha Igreja cristã, rejuvenescida, emancipada, animada pelo verdadeiro espírito dos tempos modernos, arrastada por fôlego novo, mas purificando-o, pacificando-o por esse espírito de amor, cujo segredo, mais do que qualquer outro livro religioso, o Evangelho possui? Que centro de união mais natural do que essa antiga Igreja da qual emergimos e que sempre amam do fundo do coração mesmo aqueles que estão mais afastados dela? É uma utopia, dirão. Seja; mas se a ideia de Deus é tão pobre e tão fria que não pode reunir os homens em um sentimento comum, confessem então que é uma ideia vã e rendam armas aos ateus. Mas nós, que rejeitamos com todas as nossas forças esta conclusão, não podemos deixar de acreditar que um dia a verdadeira religião romperá o estreito molde em que se quer enclausurar por ambos os lados, e que terá, sem dúvida, seus templos, seus concílios e seus fiéis.”

Assim expressa-se um ilustre pensador, resumindo nossas opiniões e a tendência significada de tanto espírito que hoje vagueia fora do estreito e exclusivista molde das religiões positivas, as quais evidenciam a ruptura entre a religião dogmática e a faculdade religiosa.

Portanto, é necessário reconciliar sentimento religioso e religião para acabar com a indiferença e a hipocrisia predominantes; é necessário devolver a confiança a quem se afastou das comunhões cristãs, porque o espírito religioso deixou para trás a letra; em suma, a religião que falava aos sentidos deve ser substituída por aquela que fale à inteligência.

Quebrado o antigo exclusivismo, proclamada a paz dos cultos, a tolerância universal, a ciência e a religião devem marchar em harmonia rumo à unidade que hoje se proclama como ideal, e deve encarnar, com condições vitais, na renovação social que se prepara.

Quantos esforços forem feitos nessa direção, serão outros tantos marcos para indicar o novo rumo que a humanidade deve seguir em suas crenças,

respondendo à lei do progresso, extensiva a todas as manifestações do ser, individual ou socialmente considerado.

É um impossível conseguir que aqueles que se afastaram retornem à Igreja que preencheu seu papel nas épocas de fé, ajudando a Europa a sair da barbárie. O mundo a deixou para trás com seus dogmas, que parecem se estreitar a cada dia para tornar mais evidente aquele impossível e para nos comprometermos com mais vigor na obra de renovação.

Mas é empreendimento factível, é lógico pretender, é necessário esperar e é essencial trabalhar na obra religiosa como problema fundamental do qual depende o futuro, seja nos vastos horizontes da vida ultraterrena, seja no campo prático da vida social. A solução completa está longe; mas o terreno pode e deve ser preparado. Nesse conceito, são valiosos os trabalhos realizados em nossos dias, e é, ao meu ver, conveniente dar a conhecer os rumos que alguns pensadores querem dar ao movimento religioso.

A partir de tais ideias e dos enunciados que por via de proêmio deixo expostos, submeto à consideração dos leitores a parte fundamental da Religião laica, tal como é apresentada em sua Revista pelo Sr. Charles Fauvety.

III

Questões preliminares

1.- O que vocês entendem por religião laica?

Simplesmente a Religião sem ministros, sem corpo sacerdotal. Sendo a religião o que nos une a Deus e, por meio dele, a tudo o que é, não podemos admitir nenhum intermediário entre nossa razão consciente e a Razão consciente do Universo.

2.- É uma nova religião o que vocês trazem para os homens?

Não temos tal pretensão. Além de nossa insuficiência, como poderíamos pensar em criar uma religião nova, quando estamos convencidos de que a humanidade é que constrói, graças a um trabalho secular, suas sínteses sociais e religiosas; quando estamos convencidos de que a religião é uma só, apesar das várias formas que assumiu, e que vemos crescer e desenvolver-se com o espírito humano?

3.- Evidentemente vocês não são judeus, nem católicos, nem protestantes: O que vocês são, então, em relação ao cristianismo?

Vimos para explicá-lo e cumpri-lo, porque somos seus herdeiros diretos, bem como os continuadores progressistas da Religião Universal. Somos em relação à Ideia Cristã o que a Doutrina evangélica foi em relação à Ideia Judaica. Vindo muito depois de Moisés e Jesus, devemos levá-los dentro de nós. Mas depois de Moisés e depois de Jesus o mundo avançou, e estamos autorizados a responder com o herói do Evangelho: *"Não viemos destruir a lei, mas cumpri-la"*.

4.- É necessário, para ser correligionário de vocês, ter esta ou aquela crença e subscrever uma profissão de fé em certos dogmas?

De maneira nenhuma. As crenças são livres e individuais. Não colocamos na paridade de crenças e na identidade da fé a unidade do espírito e a eficácia do vínculo religioso. Colocamo-la nos princípios eternos da Razão,

nas regras da moralidade e na adoção de um Ideal comum de perfeição, dado como objeto último da vida de cada um e de todos.

5.- Quais são as condições de admissão para entrar na sua Igreja?

A única condição é querer se aperfeiçoar, se aprimorar, se desenvolver sob o triplo ponto de vista físico, intelectual e moral, ajudando os outros a se aperfeiçoarem da mesma forma.

6.- O que é se aprimorar?

É corrigir seus próprios defeitos, seus vícios, ampliar suas faculdades, seus poderes através do trabalho, do estudo, da prática do bem, e assim rumar para a perfeição.

7.- O que vocês entendem por Perfeição?

A harmonia na plenitude da existência.

8.- Por acaso vocês esperam realizar a Perfeição assim compreendida?

Cada passo que damos em direção ao melhor nos aproxima do estado perfeito; e o melhor relativo, alcançado por nossos esforços, será recompensa suficiente para nós, mesmo que nunca consigamos alcançar a perfeição absoluta.

IV

Declaração

1.- Unidos de nossa razão, “essa luz que ilumina todo homem quando vem ao mundo”, estabelecemos em princípio a liberdade humana, a soberania pessoal, a autonomia da consciência, que torna o homem responsável por seus atos e lhe impõe a obrigação de governar a si mesmo em todas as esferas de atividade.

2.- Apoiados na ciência, que nos mostra que tudo no mundo está sujeito a leis fixas e imutáveis, descartamos a intervenção, nos fenômenos da natureza, de qualquer vontade arbitrária, encarando o milagre como destruidor do princípio de ordem, como incompatível com a harmonia dos mundos e contraditório com a solidariedade que une todos os seres e todas as partes do universo: é, portanto, anticientífico e antirreligioso.

3.- Respeitando a ordem social, que representa em cada momento o esforço das gerações anteriores, e desejosos de preservar os tesouros adquiridos, consideramo-nos moralmente obrigados a trabalhar para aumentar incessantemente a herança comum da humanidade, sob o tríplice ponto de vista dos bens físicos, morais e intelectuais, dedicando-nos a fazer partícipes deles todos os membros da família humana, da maneira mais equitativa possível.

4.- Colocando em Deus o ideal de toda perfeição, e fazendo da perfeição o objeto de toda existência, cada um de nós deve se esforçar para melhorar a si mesmo e ajudar com todas as suas forças, por todos os meios, à mesma perfeição dos outros, obedecendo à palavra evangélica: *"Sede perfeitos como o vosso Pai celestial é"*.

V

Apelo aos homens de boa vontade

Falamos em nome da razão e a nossa fé está nova.

Somos espíritos sinceros indo em plena luz rumo a uma luz cada vez maior e preferindo a verdade a tudo o mais.

Amantes do povo, da família, do país, da humanidade; conservadores ou progressistas, espíritos religiosos ou livres-pensadores, venham trabalhar conosco para curar nossas pragas sociais.

Homens de ciência, nós os convidamos a se juntar a nós; porque nos apoiamos nos procedimentos da ciência, indo sempre do conhecido ao desconhecido, rejeitando o milagre como contraditório à ordem universal, remetendo todos os fatos a princípios certos, a leis imutáveis.

Filósofos, juntem-se a nós; porque o trabalho que empreendemos é a obra dos filósofos. É sempre a investigação da verdade e o conhecimento da vida perfeita; mas é também a sua vulgarização. Todo ser humano deve aprender a usar sua razão, ser capaz de pensar, refletir, de se reger a si mesmo.

Venham a nós, aqueles de vocês que não sabem, para que possamos instruí-los, e aqueles de vocês que sabem, para nos ajudar a instruir aqueles que ignoram; porque não há outro pecado original além da ignorância, e o primeiro mandamento da moral é este: *"Ajudem-se uns aos outros e ensinem os que não sabem"*.

VI

Nosso ensinamento

Não trazemos um novo sistema ou mais um motivo de confusão para o espírito; esperamos, pelo contrário, introduzir ordem e luz.

O que trazemos é, evidentemente, um método mais completo do que os do passado, método de conciliação, que chamamos de integral, porque apoiando-se ao mesmo tempo na observação, na experiência e nos princípios da razão, permite ao espírito alcançar a certeza nas coisas do mundo moral (1), e é também uma forma de compreender o homem no conjunto de suas relações; em outras palavras, uma concepção geral do mundo físico e do mundo moral, que nos é dada pela ciência e responde ao desenvolvimento atual do espírito humano e, finalmente, é um ideal que, aceito como objeto da vida, deve fornecer aos atos de todo ser consciente um motivo e uma aprovação.

(1) Nossa escola dá um passo a mais neste terreno ao demonstrar plenamente a existência do mundo invisível. —T. S.

Daí deve sair a síntese da ordem nova.

Quando a superstição e o ceticismo se apoderam das almas para impregná-las de egoísmo e entregá-las aos apetites materiais, é necessário ensinar cada homem a usar sua razão, a discernir o que é verdadeiro do que é falso.

Combateremos então, ao mesmo tempo, contra o monstro da ignorância e a esfinge do ceticismo.

Não invocamos uma revelação nova (1). Não sabemos mais do que se sabe em nossa época; todos podem aprender o que sabemos, e muitos são mais sábios do que nós.

(1) Mas não se deve esquecer que a Natureza é uma revelação constante e sempre nova, aparecendo em várias formas. Descobertas, ciências, grandes legisladores religiosos, inspirações, etc. —T. S.

Humildes de coração, penetrados pelo sentimento de nossa fraqueza e nossa insuficiência; sem autoridade, sem prestígio; desconhecidos daqueles para quem trabalhamos; não tendo recebido missão de nenhuma potência sobre-humana, não temos mais força do que aquela que a lógica e a razão das coisas nos dão quando nosso espírito segue sob a luz dos princípios eternos; mas esta força nos basta. É para nós a graça divina, que nunca abandona aqueles que se apoiam nas leis da universal e viva harmonia, que são as leis de Deus, o próprio Deus, no desenvolvimento de seu poder.

Sabendo disso, é isso que vamos ensinar a todos; porque ao mesmo tempo em que a moral evangélica nos proíbe de "*colocar a luz debaixo do alqueire*", o amor ao próximo, inspirado em nosso ideal religioso, dita este mandamento: "*Atraiam os outros ao grau de luz que vocês alcançaram*".

VII

A filosofia popularizada

Embora seja considerada uma tarefa difícil, senão impossível, aquela de popularizar a filosofia, acreditamos que ela como ciência da vida moral deve ser colocada ao alcance de todo o mundo, e que é fácil torná-la acessível a todos os espíritos.

Para isso, basta desprendê-la dos sistemas que a envolveram, purificá-la das velhas entidades metafísicas e teológicas e desembaraçá-la de certas formas pedantescas de linguagem. Assim simplificada, a filosofia será como os demais ramos do conhecimento humano, podendo acomodar-se nos três graus do ensino primário, ensino médio e ensino superior.

O essencial é que, mesmo em suas formas mais elementares, a filosofia forneça a cada pessoa humana os meios para se reger como um ser livre, responsável e consciente, para se conduzir de acordo com as regras da moralidade e trabalhar para seu aperfeiçoamento.

Este resultado pode ser obtido com a ajuda de um método simples e de uma disciplina intelectual que consiste em deixar o discípulo, criança ou adulto, raciocinar por si mesmo, retificando os erros de lógica que possa cometer e fornecendo-lhe as noções e as luzes que lhe faltarem, para sustentar e alimentar seu raciocínio ou iluminar seu caminho.

Este é, com pouca diferença, o método socrático, mas desembaraçado de toda argúcia vã e de qualquer sofisma.

A popularização da filosofia começou no século XVIII; fez a revolução francesa e, posteriormente, penetrou nas massas populares, deixando latente um fundamento de bom senso e da razão sobre o qual a nova fé poderá ser enxertada.

VIII

A religião laica

No entanto, não somos apenas filósofos especulativos, simples teóricos, mas somos algo mais do que professores de moral, divulgadores e professores de escola. Homens de prática e ação, queremos realizar nossos ensinamentos, fazendo-os penetrar na vida de cada um e na organização social.

É por isso que nossa filosofia não é nada se não se tornar uma filosofia viva (*philosophie vécue*).

Uma filosofia viva (*vécue*) chama-se RELIGIÃO. E, de fato, não estamos entre aqueles que pensam que o tempo da Religião passou, que só é própria das épocas de infância das sociedades, e que perde sua razão de ser à medida que a humanidade cresce e atinge o período da razão.

Pensamos, pelo contrário, que a Religião é eterna; que é inerente à alma humana; que o homem é um ser religioso tanto quanto um ser social; que a Religião é igualmente necessária em todas as idades da vida, para o homem como para a mulher, e que é a base das sociedades humanas.

Pensamos também que a Religião é progressiva e que responde, onde se quiser e sempre, ao desenvolvimento do espírito humano, ou pelo menos que não vive e não tem influência nas almas se não for com essa condição.

Sustentamos, enfim, que a Religião não se encontra em vãs observâncias, em fórmulas de oração ou em cerimônias tradicionais mais ou menos simbólicas; que não está cristalizada em dogmas e formas de culto, e sim que, inerente à alma humana, encontra-se onde quer que esta se expande e se sente viver na harmonia universal dos seres e dos mundos. Está em toda aspiração ao ideal divino, em todo esforço do ser moral para a realização do que é verdadeiro, do que é justo, do que é bom e do que é belo. Está em toda obra de sinceridade, de trabalho, de progresso, de amor ao próximo e de sacrifício útil à família, ao país, à humanidade. Está em toda vitória alcançada pelo espírito de caridade, de generosidade, de solidariedade,

contra o espírito de ódio, de divisão e de egoísmo. Está, enfim, em todo ato humano e em todo pensamento humano que, universalizando-se, mostra sua perfeita concordância com a obra e o pensamento divinos.

O que em outro tempo foi teocracia e em nossos dias se tornou clericalismo é incompatível com uma humanidade viril, porque o princípio da soberania individual e nacional aplica-se a todas as esferas da atividade humana: tanto à Religião quanto à Política.

É por isso que não queremos a Religião trancada nos templos onde ela se asfixia; não a queremos monopolizada em mãos de sacerdotes, que fizeram dela um comércio e uma mercadoria; queremos que ela se espalhe livremente como o ar, como a luz, mesclando-se em todas as nossas relações com a natureza ou com a sociedade, e celebrando seus ritos, modestos ou esplêndidos, onde quer que haja um coração e uma boca humana para cantar a universal comunhão dos seres e dar graças a Deus pelo caminho percorrido; onde quer que estiverem uma inteligência e uma liberdade humanas para compreender o propósito sagrado da eterna Criação e colaborar voluntariamente na obra divina.

Mostrar esse fim que a ciência está desenvolvendo para nós, e indicar o caminho que conduz a ele, tal será principalmente o objeto de nosso ensino, que deve abranger completamente o homem em suas relações consigo mesmo, com seus semelhantes, com a Natureza, que é a variedade infinita; com Deus, que é a unidade suprema.

Assim, com as palavras **RELIGIÃO LAICA** (1), queremos significar a Religião secularizada e socializada; a Religião restituída à consciência individual e à sociedade civil, livre, por consequência, de toda influência clerical, de toda autoridade externa ao ser social que atingiu a idade da razão.

(1) Lembramos que Laica significa Popular, do grego laikós, povo.

IX

Necessidade de uma concepção geral

O homem moderno, elevando-se para a luz, ajudado por uma ciência positiva e sempre crescente, quebrou com a cabeça o antigo firmamento. Pesa os astros, analisa sua luz, mede a extensão, descobre inúmeros mundos nos céus sem limites; ele por toda a parte vê a ordem, a solidariedade, a harmonia, e acha a realidade das coisas muito mais bela, grande e maravilhosa do que todas as ficções que em outro tempo inventara para explicar o Universo e suas causas, a natureza e a vida, o homem e seu papel na Criação.

O homem é feito de tal forma que não pode viver sua vida completa, ou seja, sentir, pensar, agir, sem formar uma certa ideia de suas relações consigo mesmo, com os outros e com o conjunto das coisas. Essa ideia, confusa e inexata no início, vai se tornando mais clara, mais precisa e retificada à medida que o conhecimento se torna cada vez melhor e maior.

Toda civilização, toda sociedade é formada com uma ideia geral, com uma concepção do mundo e da vida, e se organiza de acordo com essa concepção.

Em tanto que a ideia está viva nas almas, ela as anima, as fertiliza e fornece ao corpo social com seu princípio de autoridade e suas formas de governo, suas crenças, seus motivos de ação, suas regras de moral e disciplina e, em geral, todos os seus elementos de conservação e desenvolvimento.

Mas quando a ideia perdeu sua ascendência sobre as almas, as fontes da vida moral e política logo secam, e a sociedade entra em uma fase de confusão e decomposição, que seria seguida de uma dissolução total, se a nova ideia não fosse apoderando-se dos espíritos para pressentir a transformação social e traçar os contornos de uma ordem nova.

Tal é o estado atual de nossas sociedades em toda a família dos povos cristãos, embora nem todos tenham atingido o mesmo grau de decomposição, e mesmo que não apresentem os mesmos sintomas de renascimento. É apenas uma questão de tempo.

Todos os povos civilizados passarão por fases semelhantes de relaxamento e reconstituição, à medida que suas crenças se desvanecem diante das luzes de uma razão mais avançada; e que uma concepção mais exata, uma concepção verdadeiramente científica do mundo e da vida, penetrando nos espíritos, dá origem ao ideal de uma ordem social nova. Em todos os países incumbe a quem carrega dentro de si o exemplar de um estado melhor, deter esse trabalho de decomposição, espalhando os germes da vida nova.

Esse movimento de regeneração moral e de reconstrução social, cuja iniciativa para a França estamos neste momento tomando (1), está acontecendo de forma mais visível e mais poderosa nos países protestantes, afeitos aos costumes da liberdade, notadamente na América e na Inglaterra.

(1) Na Espanha, a escola a que pertencemos já tinha tomado essa iniciativa. —T. S.

Enquanto a necessidade de lutar pelos direitos da razão e da consciência, negados pelo clericalismo, mantém os países católicos em estado crítico e irreligioso, vemos acontecer na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos numerosas tentativas de renovação pela ideia religiosa. (2).

(2) Entre essas tentativas, a que nos parece muito mais racional e sintética é a igreja cujo chefe em Nova York é o Sr. Frothinghara.

Isso nos países protestantes nada mais é do que a continuação da Reforma do século XVI e uma consequência natural da liberdade de exame em matéria de fé. Assim é que, em nossos dias, as seitas mais avançadas não se contentam em interpretar livremente a Bíblia e o Evangelho, depois de terem negado a divindade de Jesus Cristo e tudo o que possa haver de milagroso nas origens do cristianismo: vão além da ideia cristã e evidentemente marcham para uma síntese religiosa mais ampla e abrangente.

O mundo moral está em processo de mudança de eixo, – uma enorme obra na vida das nações e da humanidade!

Trata-se de passar em tudo, na política, na economia social, na moral, na literatura e na arte, do reino do milagre, do arbitrário, da lenda e da fé, ao reino da lei, da razão e da ciência.

Emancipando-se do sobrenaturalismo, a humanidade é arrastada a emancipar-se de todo poder que tome sua origem em uma vontade externa à consciência individual e coletiva. Se até agora o princípio de autoridade nada mais era do que a vontade divina interpretada por uma revelação milagrosa feita em um momento dado: *é preciso encontrá-lo na própria lei das coisas, formulada pela razão humana e consentida pela vontade mais ou menos esclarecida de cada um e de todos.*

Segue-se daí que a regeneração cuja aurora saudamos não consiste, como a ignorância pôde acreditar, em substituir a arbitrariedade humana pela arbitrariedade divina, e a tirania da multidão pela autocracia dos príncipes.

Ao contrário, trata-se de estabelecer o reino da Lei, tornando-a expressão da razão eterna, interpretada pela ciência e livremente desejada pela razão soberana e consciente de cada membro do corpo social, – ficando bem entendido que as leis positivas, as leis humanas nunca podem ser senão a expressão de uma ciência relativa, de uma inteligência limitada e progressiva, mesmo quando estejam em harmonia com os princípios eternos da razão.

Devemos acrescentar que, se todos os cidadãos de um país tivessem chegado a entender as coisas dessa maneira, conformando-se a essa forma de pensar o exercício de seus deveres e seus direitos políticos, a transformação social ocorreria sem grande sofrimento ou grande esforço. Infelizmente não acontece assim. A emancipação está longe de ser geral. O número de espíritos ilustrados ainda é muito reduzido. Há muitos que, por sua ignorância, permanecerão muito tempo ainda sob o jugo da tradição, e que não podem prescindir de uma direção externa, sacerdotal ou não; e há aqueles que, tendo rompido com todas as ficções teológicas, sem ter formado em si uma lei moral, entregam-se a todas as solicitações do vício e a todos os apetites da matéria. Agora, nem as consciências constrangidas pelo sacerdote, nem as inteligências dominadas pelo vício se pertencem. Assim, na realidade, o número de homens livres é muito reduzido, embora todos sejam pessoalmente responsáveis por seus atos, e a solidariedade de suas doenças morais pese sobre a sociedade da qual fazem parte, estendendo-se o mal a toda a espécie humana.

Há um perigo constante para nossa civilização: que duas sociedades hostis coexistam no mesmo ambiente, porque se inspiram em diferente concepção de vida e se baseiam em princípios diferentes, dos quais resultam duas morais e duas disciplinas sociais.

Essas duas sociedades estão condenadas a funcionar juntas até que a ordem nova absorva a ordem antiga; até que o novo princípio de vida tenha criado todos os seus órgãos capazes de cumprir dentro do corpo social todas as funções necessárias à vida política, econômica, moral e religiosa.

Não esqueçamos, então, que só se destrói o que se substitui, e que as formas políticas são nada ou quase nada (1). As instituições sociais importam mais, mas o todo são os costumes, as ideias, os princípios, as crenças, o objeto da vida; tudo isto é constituído pelo próprio ser social, que é quem dá origem às formas políticas e preserva ou renova as instituições.

(1) O fato histórico corrobora aqui, como em tudo, o princípio filosófico. A Espanha tem ensaiado recentemente do absolutismo teocrático ao cantonalismo, passando por uma variedade de formas políticas intermédias, sem que nenhuma delas tenha remediado o desconforto que se encontra em nosso modo de ser, consequência fatal de uma concepção errônea da vida. — T. S.

Entendendo a solidariedade estreita que nos une aos nossos semelhantes, e entendendo que não podemos "nos salvar uns sem os outros", gostaríamos de ver ser organizado em todo o mundo um vasto ensinamento mútuo, cujo objetivo seria emancipar o espírito humano, colocando o homem e a mulher, desde a infância, em estado de fazer uso de sua razão e desenvolver em si mesmos o ser moral.

Instruir, educar, moralizar pelo exemplo e pela palavra: só assim a transição se fará por si mesma, e poderemos saudar, antes que o século termine, o alvorecer de um mundo novo.

Tal é a situação, e tal é a obra que é preciso cumprir: transformação e reconstrução. Uma e outra nos são impostas. É preciso realizá-las, ou correr o risco de ver a humanidade afundar, naufragar, voltar por algum tempo à corrupção e à brutalidade das eras de infância e barbárie (2).

(2) As civilizações orientais chegaram ao mortal quietismo asiático, porque a intolerância de seu regime teocrático impediu a transformação e reconstrução dessas sociedades. — Veja nossos "Estudos Orientais". O catolicismo antes de Cristo. — T. S.

X

A fé nova

O propósito da vida é a perfeição; depende de nós alcançá-la. Essa convicção é o que chamamos de *fé nova*.

A fé nova não é imposta por nenhuma autoridade externa à consciência. Não invoca nenhuma revelação sobre-humana, nenhum prodígio, nenhum milagre. Nasce livremente do espírito de cada qual, ilustrado pela ciência, e está sujeita ao contraste da razão, que jamais deve abdicar de seus direitos.

O ideal de perfeição que damos como propósito à vida, a toda vida, está de acordo com esse grande fato da evolução que nos mostra a escolha, elevando-se através das várias séries de classes, gêneros, espécies, das formas mais elementares, às mais ricas e complexas, até chegar à organização humana, tipo definitivo e relativamente perfeito, em que a natureza, após completar o círculo de suas evoluções, se possui e se conhece em sua síntese terrestre. Aí começa um novo reino. A Vida, unida com a Razão engendra a Liberdade. O mundo moral nasce, seguindo o desenvolvimento fatal da ordem natural, o progresso livre, voluntário e consciente da ordem social.

Afirmar que o destino do homem é atingir a perfeição equivale a suprimir a morte, como destruição do ser; é mostrar a alma imortal, elevando-se progressivamente através de suas vidas sucessivas para o tipo eterno de toda perfeição.

Essa crença nos faz amar a vida e não temer a morte, ensinando-nos que o ser só desaparece aos nossos olhos na hora da morte porque os órgãos materiais que lhe serviam de instrumento de relações com o meio terrestre cessaram em suas funções; mas que nada do que existe pode ser aniquilado, e que esta síntese de vida que tantas sínteses anteriores prepararam, esta alma humana onde a Razão divina encarnou conserva o seu próprio dinamismo no além-túmulo, permanecendo sempre idêntica a si mesma, consciente da sua personalidade, e enriquecida com todas as

luzes, com todas as forças, com todas as virtudes que tenha adquirido durante sua trajetória terrestre. Estas são as "riquezas que não perecem", formando nossa herança celestial e constituindo nosso capital disponível na vida futura.

Apontando a perfeição como objeto da vida, aquela plenitude que consiste em sentir-se vivo em tudo o que é, por e para tudo o que é, consideramos o homem social *autonomicamente* perfectível; e afirmamos que o progresso é a lei do seu ser; com liberdade para cumprir essa lei ou violá-la.

Nossa religião tem como objetivo, acima de tudo, fazê-lo amar e compreender essa lei; mas nosso laço religioso só pode abraçar, só pode unir aqueles que *querem* trabalhar para cumpri-la.

Baseamos, então, nosso trabalho de regeneração social e unidade religiosa na ideia moral de um progresso, ao mesmo tempo pessoal e coletivo, e sobre a intenção de trabalhar na realização desse progresso, sempre relativo, mas contínuo, mas incessante.

Portanto, nada de interdição em nome da fé, nem mesmo em nome da ciência. Nada de Igreja fechada e nada de ortodoxia. Uma só condição: a vontade de se aperfeiçoar, de rumar juntos para o melhor, não excluindo de nossa aliança mais do que aqueles que se excluem por si mesmos, *renunciando à obra* que esta aliança tem por objeto realizar.

Isso certamente envolve uma profunda revolução moral.

Às promessas enganosas ou egoístas, de uma bem-aventurança celestial, contra a qual tudo protesta no mundo; aos impotentes e ridículos temores de um inferno eterno, incompatível com a ideia que formamos da bondade divina, – temores e promessas que, aliás, não sobreviveram aos tempos de fé e infância da humanidade; – a essas quimeras teológicas, bem como a este materialismo contemporâneo que não deixa ao homem outro culto senão o do velocino de ouro, do luxo e dos prazeres desenfreados, passamos a substituir um objetivo: o ideal divino de toda perfeição, o próprio Deus considerado como o Ser elevado à sua mais alta potestade.

Aceite-se este ideal, e a consciência encontrará nele a sua tocha, e o espírito humano, sabendo para onde vai, logo empreenderá um novo caminho que o levará a descobrir regiões novas.

O caminho da perfeição é o progresso; entendemos por progresso um *aumento de ser*, ou mais exatamente o engrandecimento da pessoa humana

pela vontade, a mudança e o trabalho. Assim considerado o *fim* do progresso, seu *objetivo* só pode ser a existência em sua plenitude e em harmonia com tudo o que é.

Tal é o atributo do Absoluto divino.

Por sua vez, o homem, um ser relativo, progressivamente *se diviniza*, caminhando em harmonia para a plenitude da existência.

Compreender a perfeição dessa maneira e fazer dela o objeto da vida é mostrar o progresso em uma potência de ser sempre progressiva; é incitar a alma humana a ampliar cada vez mais a esfera de sua atividade, de seu conhecimento e de seu amor; é ao mesmo tempo propor a ela um *fim* completamente contrário ao do ascetismo, da contemplação, da maceração e de todas as doutrinas que tendem, por uma diminuição de potência ou uma privação do ser, à extinção, à cessação da vida, seja pela absorção da pessoa no todo, seja pela imobilização da alma na beatitude celestial ou na estéril vacuidade de um *Nirvana* qualquer.

Rejeitamos essas doutrinas mortíferas baseadas em uma falsa concepção do mundo e da vida. Vendo em cada forma material, em cada corpo vivente, uma manifestação do pensamento divino, não podemos admitir nenhum antagonismo entre espírito e matéria. Se a ideia é pura, como poderia não sê-lo a expressão? A natureza para nós é santa, porque é o esplendor de Deus, e nada mais fazemos do que imitar a Deus quando pedimos ao corpo, mantido em saúde e harmonia, que expresse a pureza do pensamento e a beleza da alma.

Mas também é necessário compreender que o homem social não pode progredir sem receber e sem dar; é preciso que a lei da solidariedade intervenha sem cessar, para generalizar o progresso e estender a toda a sociedade as conquistas, as aquisições, os *aumentos de ser* de cada um de seus membros e de acordo com o grande princípio: TODOS PARA CADA UM; CADA UM PARA TODOS.

Eis aqui, em síntese, o espírito da nossa doutrina e o principal objetivo do nosso ensinamento: *“Fazer com que o INDIVÍDUO, e com ele a SOCIEDADE civilizada e por esta a HUMANIDADE inteira, se eleve incessantemente a maiores alturas, e assim vá UNIVERSALIZANDO-SE, cada vez mais, sem perder nada de sua PERSONALIDADE.”*

XI

De onde viemos?

1. Como todas as espécies, a espécie humana é produto de um pensamento divino, que se realiza em um meio material, individualizando-se em formas que lhe são próprias. O indivíduo traz em si o tipo de sua espécie e pode, na condição de serem macho e fêmea, perpetuar, sob as influências do meio, a ideia divina que sua espécie representa.

2. Cada espécie tem seu papel na Criação; e conserva seu lugar na escala dos seres enquanto constituir um grau necessário à vida para a ascensão, ou enquanto for útil à harmonia do todo.

3. O homem, coroamento da Criação terrestre, vem fisicamente dos graus mais baixos da escala seriária dos seres, e todos aqueles que vieram antes dele à terra contribuíram para construir sua forma corpórea e preparar sua habitação.

O QUE SOMOS?

4. Nascido de um pensamento divino, depositado em estado de germe no seio da natureza terrestre onde se desenvolveu, graças ao concurso de todas as forças e de todos os seres preexistentes, o homem emergiu da animalidade, e depois de um tempo de infância, que certas raças nunca transcenderam, veio a possuir-se em sua razão e em sua liberdade.

5. Como ser autônomo, razoável e consciente, ele percebe qual a sua missão. Tomando posse de seu domínio terreno, estabelece relações sociais com seus semelhantes, forma vínculos religiosos com tudo o que é e funda a vida moral.

6. Capaz de distinguir o bem do mal, o justo do injusto, pondo a sua razão em relação à razão divina, pode manter-se conscientemente na harmonia

universal e voltar a entrar nela se tiver saído voluntariamente ou por ignorância. É livre.

7. Essencialmente perfectível, o que até ele tinha sido apenas um desenvolvimento puramente orgânico, como o de todo ser vivente que cresce com a ajuda do meio onde foi implantado, torna-se um movimento livre, voluntário e reflexivo em direção ao melhor; isto é, o Progresso. O animal se desenvolve. O homem progride e é criado de novo.

PARA ONDE VAMOS?

8. Antes do homem social, tudo o que existia na terra gravitava inconscientemente com o planeta em direção ao sol, fonte de luz e vida física. Com o ser dotado de consciência e razão, tudo também gravita, em nosso globo, em torno do foco cósmico da existência terrestre; mas além disso, tudo também gravita, com o espírito humano, para Deus, fonte de luz espiritual e de vida moral; porque marchando para a perfeição suprema, o homem, em harmonia com seus semelhantes e com a natureza, arrasta atrás de si todo o material terreno.

9. A partir desse momento, a pessoa humana conquistou a imortalidade. A morte está derrotada. É apenas uma transformação necessária e uma fase da vida progressiva. A destruição nada pode contra o espírito de Deus encarnado na humanidade – e possuído por cada um de seus membros.

Chegando a este ponto, a alma humana, cada vez que seu corpo terrestre a deixa, encontra-se além-túmulo com a memória de suas existências anteriores, do que as religiões fizeram o *Inferno* e o *Paraíso*, – o corpo espiritual que ela mesma se preparou com seus pensamentos e suas ações; e como todos os homens são chamados a realizar, por seus próprios esforços e com a ajuda de todos os seus destinos divinos, pode-se dizer que cada homem, unindo-se religiosamente a tudo o que é, e assim universalizando-se cada vez mais, sem nunca perder sua identidade, ele se elevará ao estado de Cristo ou Buda e será UM com Deus.

Tal é o ideal religioso por excelência.

Tal foi, de resto, em nosso modo de ver, o ideal cristão do Evangelho, que se encontra personificado em Jesus (1).

(1) E tal foi também, sem dúvida, em sua origem, o ideal búdico personificado no Buda Sakya-Muni. E em Krishna antes de Cristo e Buda. — T. S.

Esse ideal não está atrás de nós; está na frente; por isso é importante sobretudo ensinar ao mundo que tal destino não é privilégio de um só. Não há um membro da humanidade, um *filho do homem*, que não possa conseguir isso regenerando-se e provando-se digno de ser chamado de FILHO DE DEUS.

XII

Profissão moral

Afirmo o DIREITO;
Confesso o DEVER;
Quero a JUSTIÇA e a FRATERNIDADE HUMANA;
Acredito na SOLIDARIEDADE UNIVERSAL;
Aspiro à PERFEIÇÃO.

DIREITO. Dotado de consciência e razão, e por consequência responsável por suas ações, você tem o direito e o dever de se reger a si mesmo em todas as esferas de sua atividade. Mantenha seus direitos desde que não violem os direitos dos outros. — Respeite-se para que os outros o respeitem. — Cultive suas faculdades, desenvolva suas forças, cuide de sua saúde, evite qualquer mancha, aprenda a defender sua existência e proteger sua liberdade. Ame a vida que você recebeu, porque se nem sempre depende de você ser feliz, depende de você ser útil aos outros e bom para o seu aperfeiçoamento. – Não tenha medo da morte, pois ela não é mais do que uma evolução necessária para o progresso e engrandecimento dos seres.

DEVER. Não se esqueça de que ignorar seu dever é comprometer seu direito, pois dever e direito são correlativos e não se afirmam um sem o outro. — Submeta-se à lei, fonte de igualdade social, e rejeite todos os privilégios, mesmo quando forem em seu benefício. — Respeite suas promessas; cultive a verdade; nunca retenha o que pertence a outro. Devolva a seus pais tudo o que você recebeu deles; honre-os com sua conduta diária, e que seu respeito esteja sempre à altura da ternura deles. — Transmita seus bens a seus filhos, se deles não se mostraram indignos, mas não os sacrifique ao interesse social. — Abstenha-se da ociosidade como de um roubo. – Se você acumula riquezas, pense no que elas

custaram, e olhando para si mesmo como um simples depositário, faça com que elas sirvam para fertilizar o trabalho, aliviar o infortúnio, extinguir a miséria.

JUSTIÇA. Pratique a justiça, não apenas não fazendo aos outros o que você não gostaria que fizessem a você, mas tomando a iniciativa do bem e lutando contra a iniquidade, onde quer que a encontrar. — Nunca condene sem apelação e sem deixar uma porta aberta à reparação, ao arrependimento e à reabilitação. O sentimento religioso é incompatível com o inferno eterno, e a consciência da humanidade regenerada pelo amor ao próximo não admite condena sem remissão.

FRATERNIDADE HUMANA. Trate o próximo como a si mesmo. — Perdoe os insultos e até retribua o bem com o mal, desde que a preservação de sua dignidade pessoal o permita. — Sirva fielmente a sua pátria e esteja sempre pronto a morrer por ela; mas nunca se separe, em seu coração, dessa grande pátria chamada Humanidade. — Não se separe voluntariamente da sociedade dos homens; não se isole de seus irmãos, e não os isole de você. Não há progresso para o homem sozinho. — Lembre-se de que todos os bens que você desfruta, você os deve às lutas sustentadas, aos sofrimentos suportados, através de tantos séculos, pelas gerações que o precederam; pense que associando seus esforços aos de seus contemporâneos, você preparará um destino melhor para aqueles que o sucederem. — Crie para você, com tempo, através do casamento, uma esfera familiar da qual sejam banidos o egoísmo, que é o maior de todos os vícios, a inveja, o jogo, a preguiça, a cólera, a dissipação, a intemperança, a dissimulação e a mentira. — Esposos, não fiquem unidos apenas pela carne; procurem estar unidos também pelo espírito e pelo coração, como se fossem uma só alma. Façam-se sempre dignos de estima mútua e nunca tenham de se envergonhar diante de seus filhos.

SOLIDARIEDADE UNIVERSAL. — Em seus esforços para ser melhor, aspire a tudo que está acima e estenda sua mão a tudo que está abaixo. — Seja doce e compassivo com os animais, porque eles são sensíveis como você. — Seja caridoso e benevolente para com todos os sofrimentos. — Em seus prazeres, não desfrute daqueles que fazem alguém chorar. — Ame a natureza, respeite suas leis e não mande a não ser obedecendo a elas. —

Nunca esqueça que, se a terra foi dada aos homens, é para que todos tenham lugar no banquete da vida; e que, encontrando nela o seu quinhão de luz e liberdade, graças à instrução a que todos têm igual direito e ao trabalho de cada dia que é igualmente dever de todos, farão reinar a ordem, a paz, a equidade e a harmonia. Realizando assim o reino de Deus sobre nosso domínio terrestre, é como poderemos nos chamar de colaboradores da obra divina, e como nos será dado subir progressivamente em direção ao Ser perfeito, do qual cada um de nós carrega dentro de si o Ideal inesgotável.

Abençoada seja a humanidade em seu passado, em seu presente, em seu futuro!

Abençoado seja tudo o que vive acima e abaixo de nós, na perpétua comunhão dos seres!

Bendito seja Deus e Pai celeste, Unidade suprema, Lei viva, Razão consciente do universo, Fonte de toda vida, de todo amor, de toda luz e de toda perfeição!

XIII

Tal é, especificamente, o pensamento que o Sr. Charles Fauvety se propõe a desenvolver e propagar, com a colaboração de alguns homens de boa vontade (1), em seu *Órgão de Regeneração Social*, para cuja obra apela a todos os espíritos que não podem ver impassíveis o lamentável estado atual dos povos civilizados.

(1) *H. Chavée, Krolikowski, Berrier-Fontaine, Eug. Bonnemére, Louis Guyot, E. Barré, E. Thicundiére, Farine, Butler de Bouteilier, L. A. Detré e Eugene Garcin constituem o comitê de redação e propaganda de La Religion Laique.*

Este estado é consequência da decadência das ideias morais, devido, por sua vez, à falta e perversão do sentimento religioso, que só pode ser elevado nas cidades elevando a consciência individual através da instrução e, como diz Fauvety, ensinando os homens a se aperfeiçoarem, a se aprimorarem, a se desenvolverem sob o tríplice ponto de vista físico, intelectual e moral, que é corrigir seus defeitos, seus vícios; ampliar suas faculdades, seus potenciais através do trabalho, do estudo, da prática do bem, e assim rumar para a harmonia na plenitude da existência, isto é, a perfeição.

Com a Razão e a Ciência como guias, respeitando a ordem social e colocando em Deus o ideal de toda perfeição, é preciso combater a ignorância e o ceticismo para salvar as sociedades do cataclismo iminente que as ameaça.

Popularizar a filosofia; tirar as religiões das mãos do clericalismo; apresentar à humanidade a fé nova, baseada em uma concepção superior de vida, e mostrar-lhe um ideal, que depende dos nossos esforços exclusivamente alcançar: tais são os meios propostos pelo pensador francês para preparar a nova era, para entrar plenamente na idade da razão cuja hora soou no relógio do tempo.

Não discuto esses meios; limitei-me a expô-los, pois estão de acordo com os afirmados pela minha escola; mas quero chamar a atenção para eles e

para a Profissão Moral que sintetiza suas consequências no campo prático ou social.

O conceito que ela nos dá do direito, do dever, da justiça e a fraternidade humana e da solidariedade universal, são a melhor garantia da bondade da ideia, já aceita, e antes de agora, pelos mais profundos pensadores contemporâneos.

Convencidos todos aqueles que não raciocinam por causa das preocupações ou de interesses mal compreendidos; convencidos de que o problema de nossa regeneração social, que é o problema religioso, não pode ser resolvido, nem por governos nem por religiões positivas, mas deve ser a obra da filosofia, na França como na Alemanha, na Inglaterra como nos Estados Unidos e em outras nações cultas, elevam-se vozes poderosas, o filósofo fala, o poeta canta, o livro raciocina e o jornal propaga a ideia nova onde o regime social deve ser modelado a partir do princípio religioso que será alicerçado sobre a crença tradicional, mas tendo em mente que só se destrói aquilo que se substitui e só se substitui aquilo que está morto ou já não tem razão de existir.

Mas a necessidade de uma regeneração em nenhum país se deixa sentir como na Espanha, porque nenhum país culto conserva em tão baixo nível o sentido religioso, que em outros povos foi vivificado a tempo pelo espírito da Reforma, já hoje ineficaz para operar um renascimento. A aurora de um novo dia não é vislumbrada aqui. Com a cadeira de filosofia vazia, a tribuna muda, o livro sem leitores, e a imprensa dedicada quase exclusivamente à questão política do momento, é de se admirar que nossos sinais de vitalidade sejam a fratricida luta em nome e como sarcasmo da religião, a estéril peregrinação a Roma e enfim, os bufões, o charlatanismo e a usura que no coração da Península mostram-se como provas aterradoras da decadência e prostração do país, fotografado no espantoso sucesso de Arderius, do doutor Garrido e de Dona Baldomera?

Tal é a nossa situação, descrita com detalhes vigorosos e exata apreciação em um artigo recente no *El Imparcial*.

Seus principais parágrafos, que retratam admiravelmente, em alguns traços magistrais, o estado de decadência e prostração da sociedade espanhola, merecem ser reproduzidos. E embora, na verdade, "todo aquele que ama seu país não possa deixar de sentir seu espírito aflito diante de um futuro sombrio e incerto, exceto nas catástrofes, única história que os

povos degenerados fazem", - é necessário mostrar ao país os pavorosos sintomas de degeneração que ele oferece, para que se disponha ao renascimento e nova vida iniciadora de um futuro mais lisonjeiro. Seguem os parágrafos citados:

"A terrível perturbação moral que nos aniquila pertence à natureza desses vícios sociais, terríveis epidemias que atacam o entendimento e a consciência, exigindo para combatê-los nada menos do que a conspiração de todos os homens de bem, a potência das ideias religiosas, o esforço dos pensadores e um patriotismo heroico em todos os partidos.

«Os elementos vitais da primeira força no país, longe de despertar, enterraram-se na sua vergonhosa atonia, vendendo as suas almas à indiferença ociosa, ao desespero covarde. As classes conservadoras são em vão estimuladas pelos órgãos da imprensa a saírem de sua inatividade corruptora e do seu ceticismo confortável. E os elementos liberais não obedecem à voz do instinto salvador que lhes ordena deixar rancores e unir os esforços parciais em prol das ideias. E quando tudo definha e nada prospera, é assustador observar quais são os móveis e quais são os nomes que têm o privilégio de florescer, de atrair vontades, de obter celebridade incomparável, de ser, enfim, os únicos incentivos capazes de galvanizar a atenção e o interesse do público.

«As artes arrastam uma existência miserável e raquítica; dificilmente se encontram autores ou atores; nem mesmo a proteção oficial consegue garantir que tenhamos um teatro que preserve, como o fogo sagrado das vestais, as gloriosas tradições do palco espanhol. E, no entanto, o palco em nossos dias tem um ditador, um Rei que, contando apenas com sua inspiração, arrebatou o público aos teatros, fez consagrarem-se ao seu culto escritores de esperança e poetas de gênio, e impôs, assim ao público ignorante como à nata da sociedade, seu gosto e sua arte, reduzidos ao grotesco, ao absurdo, ao delírio da extravagância.

»O representante hoje do sucesso nas artes é Arderius; seu nome é a Razão Social do espírito artístico que reina, talvez reflexo do espírito mais íntimo em nossos costumes.

Tanto é assim, que em outro campo ainda mais respeitável, em outra esfera que exerce influência mais imediata sobre a vida, surgiu há algum tempo uma personalidade cujos escritos e considerações teriam sido, em

outra época, tomados como inspirados em uma casa de lunáticos, e que hoje lhe valeram um nome, uma celebridade, talvez uma clientela numerosa, e uma prosperidade que o mérito e a ciência modesta não costumam alcançar. Será que o espírito de charlatanismo se infiltrou na capital da Espanha e está extinto o caráter de seriedade que sempre distinguiu nosso povo, quando aqui, onde o grande Orfila é desconhecido, e os Batlles, os Lagasca, os Cavanilles, os Argumosas são sobrenomes obscuros para a generalidade, mas todos sabem e leem o que diz e faz o Dr. Garrido?

»Mas o fato culminante, que pareceria o cúmulo do ridículo se não oferecesse um amargo e sombrio resumo da ignorância e da imoralidade, é a prodigiosa propaganda dessas casas de imposição que pululam por toda Madri, e cuja incrível história, já referida pela imprensa europeia, torna-nos objeto de zombaria e compaixão perante povos sérios e cultos.

»Essa infeliz vila de que a imprensa madrilenha nos deu informação ontem, e que é apenas um dos muitos casos; essa desgraçada aldeia que abandona o campo, as tarefas, o trabalho, e vende tudo a qualquer preço para entregá-lo a uma desconhecida com o fim de viver em ociosidade e férias eternas, é o símbolo aterrorizante da última decadência dos costumes.

»O capital aqui tímido diante da indústria, e a poupança sempre desconfiada diante de qualquer associação de propósitos úteis e dignos, que afinal são mais positivos e seguros, entregam-se cegamente às mais tolas aventuras, aventuram ao acaso o todo pelo todo, e pretendem reformar a obra da Providência e as leis naturais, substituindo-as pela loteria de Dona Baldomera.

O mal assumiu proporções tão gigantescas que parece que uma espécie de loucura epidêmica começava a reinar entre nós. O que estão fazendo essas turbas que passam a noite esperando o turno do dia seguinte para deixar quantias consideráveis em mãos desconhecidas que oferecem lucros, impossíveis e absurdos para todo aquele que não estiver cegado pelo demônio da ganância? Esperam ser capitalistas, sem capital, sem trabalho, sem inteligência e sem produção; acorrem a uma liquidação social à custa dos últimos em chegar. Quatro milhões um agente do governo declara ter ganhado em um único dia! O que dá uma mais triste ideia do país, a ignorância dos infelizes ou o cálculo dos esclarecidos?

»Em alguns é o senso comum que sofre; em outros, o sentido moral é que fica eclipsado. Quem teria acreditado, mesmo em meio às monstruosas aberrações em que a opinião pública caiu nos tempos mais tristes, que um negócio impossível em si mesmo, aterrorizante em suas consequências, imoral até mesmo nos motivos daqueles que, ao entregar seu dinheiro, não fazem mais do que o jogo da usura ao contrário, haveria de arrecadar quantias fabulosas, haveria de interessar classes muito numerosas e recolher no barril sem fundo, tanto o desperdício dos ricos quanto a pequena quantia arrecadada à força da privação e do trabalho dos pobres? Se a caixa milagrosa da Plaza de la Cebada tivesse funcionado nos dias da revolução, o que os jornais conservadores não teriam dito? Quanto não teriam declamado sobre supostas influências ou coincidências? Nós, mais imparciais, não atribuímos a nada político aquilo que surge apenas da profunda desordem moral de nosso povo, sendo igualmente doloroso para todos aqueles que recordarem estes anos com o triste nome de tempos de Dona Baldomera.

»Os bufões, o charlatanismo, a usura: uma trilogia original que vem coroar o quadro sombrio do personalismo na política, da mania do emprego na Administração, das etiquetas e dos desfalques que o zelo incansável do Governo descobre todos os dias, da superstição e quase do fetichismo dominando a nossa população rural, do desconcerto e a ignorância, contra os quais a parte inteligente e trabalhadora do país luta em vão.

»Se a iniciativa regenerativa deve surgir de algum lugar, incumbe a todos aqueles que se interessam pelo bem público inaugurar uma cruzada contra a ignorância, unir forças, ouvir a voz suprema da pátria, renovar os ideais do país, pois os antigos a tal estado nos reduziram; e todos encorajados pela fé de que o progresso é lei da humanidade, travar a mais dura porém mais nobre das campanhas. Se o povo de pão e touradas conseguiu ressuscitar heroico em Bailén e Saragoça, esta Espanha caída ainda pode levantar-se da sua atual prostração com a ideia da pátria e as inspirações da liberdade.»

Fatal consequência da ignorância e da imoralidade é o estado atual do povo de pão e touradas. Incumbe efetivamente a todos aqueles que se interessam pelo bem público inaugurar uma cruzada contra a ignorância e unir forças; porém, mais do que ouvir a voz da pátria, é preciso ouvir a voz

da Razão, e sobre ela renovar os ideais; já que, se há de soar a hora da regeneração, se esta Espanha decadente há de se levantar da prostração presente, é indispensável que comece por elevar seu ideal religioso dentro da concepção superior contida nos princípios desenvolvidos nesta exposição da *Religião laica*.

-XXX-

Não esqueçamos que o grande movimento político guerreiro destes tempos representa também um movimento religioso, e que a vida e as aspirações dos povos civilizados da nossa época descansam sobre uma concepção do mundo diametralmente oposta à concepção do mundo das religiões históricas. Por isso é indispensável trabalhar na obra religiosa, procurando dar uma direção adequada a esse movimento, senão para evitar cataclismos iminentes, para obter o maior fruto possível dos acontecimentos, preparando o triunfo de um ideal religioso purificado das superstições ou ignorâncias do passado, e que satisfaça as necessidades da vida moral, nascidas do desenvolvimento científico do espírito humano.

Se este opúsculo conseguir incutir tais ideias em qualquer leitor, nossos desejos e propósitos serão considerados cumpridos.

Dirigir-se a si próprio, rumo à perfeição.

Religião sem sacerdotes, sem mistérios, sem milagres.

ADENDO

Discurso Improvisado do Sr.
Charles Fauvety

Presidente da Sociedade
Científica de Estudos
Psicológicos

Na beira do túmulo da Amélie
Gabrielle Boudet
(1795 - 1883)

Senhoras, Senhores, irmãos e irmãs em humanidade. Eu tomo aqui a palavra em nome da sociedade de estudos psicológicos, não para vos falar dessa cujos restos mortais saudamos – eu não conheci a senhora Allan Kardec – mas para dizer algumas palavras da obra de Allan Kardec. Eu não posso, aliás, senão rejubilar-me com a alma da morta falando do homem eminente do qual ela foi a digna companheira. Todos vós que aqui estais, vós vos honrais em ser os discípulos de Allan Kardec. Como tais, vós sois os continuadores de sua obra e os representantes de sua doutrina. Essa obra é grande. O espiritismo, como o compreendeu o vosso Mestre, e como ele

expôs em suas obras, abrem uma nova fase ao espírito humano. É o ponto de partida, ao mesmo tempo religioso e social, de uma nova ordem. O espiritismo pertence à religião do porvir, a essa religião que não é particularmente uma sucedânea de uma forma religiosa que já fez seu tempo, mas a religião em si mesma concebida independente de dogmas, de opiniões e de crenças, que ela deixa livre a consciência de cada um. Ela é a religião em sua amplitude porque liga o presente ao passado e ao futuro, porque ela se confunde com a solidariedade universal e que mostrando a vida na morte e dando um corpo aos desencarnados, faz comungar juntas as almas de todos os tempos e de todos os países, associa assim todas as gerações à obra humanitária e faz, realmente, de todos os homens, estejam eles materialmente vivos na terra, estejam em sua atmosfera etérea no estado de espíritos, os membros do mesmo corpo, todos interessados igualmente ao progresso, ao talento, à ascensão de sua humanidade comum. Se eu vos falo aqui da doutrina espírita e de seu alto alcance social e religioso, é justamente porque a hora e o lugar são solenes e que convém vos lembrar, ao pé do túmulo de seu fundador, a grande tarefa que ele vos legou e a responsabilidade que pesa sobre aqueles que se dizem os discípulos e os representantes. A árvore está plantada sem dúvida, mas é preciso regá-la, o cultivador para fazê-la crescer no solo desfavorável de nosso meio social tão fraco, tão céptico, tão perturbado, tão corrompido pelo espírito de luxo e os apetites materiais. A árvore, aliás, é sempre julgada pelos seus frutos. Se vós que sois crentes e convictos da verdade da doutrina e a professais abertamente, vós não podeis dar o testemunho em seu favor, se não vos fizerem ser observados pela pureza de vossos costumes, a honestidade de vossa conduta, a probidade de vossos atos. Se vos faltar a benevolência e a caridade fraternal, se vós sois vistos competindo uns com os outros, que ideia quereis que se faça de uma doutrina que terá produzido tais frutos? É porque eu me dirijo a todos vós, neste cemitério, enquanto que vós tendes vos reunido em torno desse dólmen, túmulo de Allan Kardec, para depositar junto de seus restos os despojos mortais daquela que foi a companheira de sua vida terrestre, e em presença de todas essas almas, escapadas vivas dessas covas inumeráveis que não contêm senão a poeira do que foi uma forma humana, em presença daquele que vós chamais de o Mestre e cuja alma nos escuta sem dúvida e plaina sobre nós, eu vos imploro mostrar benevolência uns com os outros,

de não condenar mutuamente vossas intenções e de vos abster desses maus propósitos que, o mais frequentemente, começam por não ser senão um leve traço, mas que, passando de boca a boca, terminam por formar uma grossa injúria ou uma mortal calúnia sob a qual vosso irmão, gelado, talvez mortalmente, terminará por sucumbir. Enfim, meus caros correligionários, retenhais pelo menos esse pensamento que o mal que fazeis a vossos irmãos, vós o fazeis mesmo por causa mesmo que quereis servir. Amai-vos, então; permaneçei unidos pelo coração, mesmo que vós vos separeis para caminhar por sendas diferentes com um objetivo comum que vós quereis atingir, que é a difusão, a propagação da verdade que trazeis ao mundo. Enfim, lembrai-vos de que as almas são sempre idênticas a si mesmas, embora renascentes em novos organismos, que os homens são assim com os membros de um mesmo corpo, que é o da humanidade presente, passada e futura, e que os membros de um mesmo corpo não podem se salvar uns sem os outros. Assim, o quer a lei de solidariedade universal.



Autores Espíritas Clássicos